RACIONALIDADE DUAL: AFROUXAMENTO DO ISOLAMENTO SOCIAL NO BRASIL EM CENÁRIO DE COVID-19

> ***A razão é escrava das paixões e não pode aspirar nenhuma outra função exceto servi-las e obedecê-las***
> *Hume, D. (1711-1776)*

Resumo

O objetivo principal desse ensaio é verificar de que forma estão sendo tomadas as decisões no Brasil, relacionadas ao afrouxamento do distanciamento social no cenário de pandemia provocado pelo novo coronavírus . Identificar se as decisões estão sendo tomadas de forma racional e lógica ou se tomadas por sentimentos e crenças individuais. Temos como objetivo secundário descrever o que é racionalidade sob a perspectiva da filosofia da ciência, verificar outros olhares sobre o conceito de racionalidade ao longo do tempo e evidenciar a falta de racionalidade no comportamento do consumidor em relação ao afrouxamento do isolamento social no cenário de crise provocado pela pandemia do novo coronavírus em 2020. O resultado de nosso estudo evidencia decisões extremamente delicadas, tomadas em um cenário de urgência, pressa e sob pressão e que não cumprem as etapas de tomada de decisão racional esperadas quando se busca uma solução ideal. Verificou-se que em muitas situações, o pensamento reflexivo, ponderado, racional foi posto de lado.

Abstract

The main objective of this essay is to verify how decisions are being made in Brazil, related to the loosening of social distance in the pandemic scenario caused by the new coronavirus. Identify whether decisions are being made rationally and logically or whether they are made by individual feelings and beliefs.Our secondary objective is to describe what rationality is from the perspective of the philosophy of science, to verify other perspectives on the concept of rationality over time and to highlight the lack of rationality in consumer behavior in relation to the loosening of social isolation in the crisis scenario caused by the pandemic of the new coronavirus in 2020. The result of our study shows extremely delicate decisions, taken in a scenario of urgency, haste and pressure and that do not fulfill the expected rational decision-making steps when looking for an ideal solution. It was found that in many situations, reflective, thoughtful, rational thinking was put aside.

Palavras chave: Racionalidade, COVID-19, isolamento social.

Introdução

> ***Temo que os animais considerem o homem um ser de sua espécie, mas que perdeu da maneira mais perigosa a saudável razão anima, temo que o considerem o animal absurdo, o animal que ri e que chora, o animal desastroso.***
> (*Nietzsche, 2017)*

Em dezembro de 2019, um novo coronavírus (SARS-CoV-2) surgiu, desencadeando uma epidemia de síndrome respiratória aguda (COVID-19) em humanos, centralizada em Wuhan, China Zhou, F. *et al...* (2020). Em três meses, o vírus se espalhou para mais de 118.000 casos e causou 4.291 mortes em 114 países, levando a Organização Mundial da Saúde a declarar uma pandemia global. (VAN BAVEL *et al...*, 2020)

Com a pandemia provocada pelo novo corona-vírus estão sendo vivenciados por essa geração, no Brasil e em outros países, episódios de extrema insegurança, incerteza, medo e ameaça à vida.

As notícias do caos são conflitantes em relação ao número de óbitos, de infectados, assim como dos estragos na economia, os números da saúde e do cenário econômico fazem com que as decisões sejam tomadas de maneira muitas vezes aparentemente impulsivas, na tentativa e erro; quem tem fome, quem tem dor, têm pressa. Somados esses fatores conduzem muitos dos que assistem a todos esses episódios, ao pânico. As recomendações contraditórias sobre como enfrentar a pandemia, tem provocado um ambiente de angústia e apreensão.

Em um cenário como este, onde para muitos em nome da manutenção da vida, a rotina teve de ser reinventada da noite para o dia, nesse contexto, a tomada de decisão racional pode ter sido afetada. Tendo essa questão em vista, nossa pergunta de pesquisa para esse trabalho é: O Afrouxamento do Isolamento social, com a quantidade diária de infectados e óbitos no Brasil é uma decisão racional?

Portanto, o objetivo principal deste artigo é "analisar a teoria da racionalidade como uma explicação para o afrouxamento do isolamento social", sendo que os objetivos específicos são:

- descrever a racionalidade sob a perspectiva da filosofia da ciência,
- verificar outros olhares sobre o conceito de racionalidade ao longo do tempo e
- evidenciar a falta de racionalidade em relação ao afrouxamento do isolamento social no cenário de crise provocado pela pandemia do novo coronavírus em 2020.

A metodologia escolhida para tratar o tema foi a do ensaio teórico e a lacuna teórica foi a dificuldade de se encontrar na literatura pesquisada, trabalhos que buscassem explicar racionalmente motivos pelo qual o isolamento social não estar sendo respeitado de forma adequada no Brasil, conforme a orientação da OMS para o enfrentamento da pandemia provocada pelo novo coronavírus.

O trabalho é dividido em etapas, no referencial teórico, será observado a importância das ciências comportamentais aplicadas e seu olhar sobre a racionalidade, sua multidisciplinariedade, principais autores. No tópico 2.1, abordamos a racionalidade sob a ótica da filosofia da ciência, por se tratar de um assunto de interesse da humanidade desde a Grécia Antiga, dificilmente esgotaremos o olhar da filosofia da ciência nesse trabalho.

No tópico 2.2, tem-se um contraponto entre o olhar dos estudiosos da racionalidade sob a ótica da teoria da racionalidade tradicional positivista, que ainda é o *mainstream* versus a teoria da racionalidade limitada de Herbert Simon.

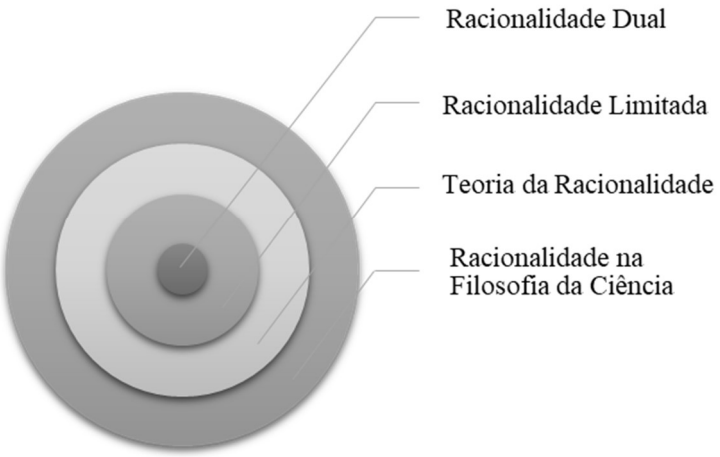
Na sequência, no terceiro e último tópico do referencial teórico, uma vez tocados pela psicologia na economia, caminha-se pela linha do tempo até Daniel Kahneman e Amós Tversky, dois psicólogos israelenses que abordam a racionalidade e trazem a discussão a racionalidade dual, duas formas de pensar.

O indiscutível interesse pelo tema séculos após séculos não permitirá esgotar a infinidade de autores interessados pelo assunto, assim como, tratar um tema contemporâneo traz a sentença

de deixar que os aspectos observados nesse trabalho e cenário mudem por se tratar de uma dinâmica atual

.

Figura 1: Esquema de racionalidade do estudo



Fonte: Elaborado pelo autor

2. Referencial Teórico

> ***Um louco jamais faz senão realizar à sua maneira a condição humana.*** *(Sartre, 1993)*

As ciências cognitivas, a psicologia e a economia estão intimamente ligadas ao interesse pela racionalidade. Fundamental para a maioria das concepções de racionalidade, julgamento e raciocínio é uma visão particular da percepção. Por exemplo, o trabalho pioneiro de Herbert Simon (1955, 1956)[i] sobre os limites da racionalidade - como uma alternativa à onisciência dos agentes em economia. (FELIN *et al.*., 2018)

Ainda segundo Felin *et al.* (2018), a subsequente revolução cognitiva e comportamental da psicologia e da economia, e particularmente o trabalho de Kahneman e Tversky, enfatizou ainda mais esses fundamentos perceptivos (KAHNEMAN, 2003, 2011). A pesquisa de Simon e Kahneman sobre racionalidade limitada influenciou e reverberou na ciência cognitiva e de decisão, psicologia, ciência da computação, direito e economia (por exemplo, CAMERER, 1998 ,1999 ; CONLISK, 1996 ; HILLS *et al.*.., 2015 ; JOLLS, SUNSTEIN e THALER, 1998 ; JONES, 1999).

A figura 1, ilustra a importância da estrutura de racionalidade do estudo; onde fica claro, que é importante se compreender as partes para se entender o todo, evidenciando os níveis de análise da racionalidade.

2.1 A racionalidade pelo olhar da Filosofia da Ciência

> ***Razão, faculdade que tem o ser humano de avaliar, julgar, ponderar ideias universais, raciocínio, juiz..*** *(Cunha, A., 2019).*

Quando falamos em racionalidade, nos reportamos a outro cenário, foi na Grécia antiga, num período que se estendeu do século VII ao século II a. C., que que pela primeira vez, o pensamento científico-filosófico tornou-se abstrato e surgiram tentativas de explicar racionalmente o mundo, em contraposição às explicações míticas produzidas até então. (ANDERLY *et al.* 2014, p.20)

É importante, diferenciar racionalidade de mito: ainda para ANDERLY *et al.* (2014), o mito é uma narrativa que pretende explicar, por meio de forças ou seres considerados superiores aos humanos, [...] tem o intuito de explicar os efeitos provocados pela interferência desses seres ou forças. Tal narrativa, não é questionada, não é elemento de crítica, ela é objeto de crença, de fé. Existe uma crença na união com a natureza divina através da contemplação extasiada, e no acesso espiritual que não cabe ao pensamento comum.

Um outro olhar sobre o que se chama de mito, está relacionado a teorias que aceitam a existência de qualidades ocultas, ou poderes para os quais não se pode oferecer qualquer explicação empírica ou racional. Blackburn (1997). É entendido como mito, a "narrativa" geralmente de origem popular sobre seres que encarnam simbolicamente as forças da natureza, também como representação idealizada de um estado da realidade em um passado remoto ou num futuro fictício. (CUNHA) 2019.

Por um outro lado, quando se aceita algo como racional, aceita-se alguma coisa que faz sentido, que é apropriado ou necessário, está de acordo com um objetivo reconhecido. Crenças racionais, são baseadas em evidências e motivos ("razões") que dão suporte a sua verdade. (BLACKBURN, 1997; GAUCH, 2003; AMATUCCI, 1993).

O mito se opõe ao pensamento racional. Razão, logos -em seu sentido original-significa por um lado, reunir e ligar e, por outro, calcular, medir; ambos relacionados ao pensar, uma atividade fundamental para o homem. O conhecimento racional opõe se ao mítico, pois é um conhecimento sobre o qual se problematiza e não simplesmente se crê; um conhecimento no qual a explicação é demonstrada por meio da discussão, da exposição clara de argumentos.

Alguns filósofos como Platão (429-347 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.) achavam que o exercício da razão é uma parte substancial para o bem supremo para os seres humanos. Outros como Kant (1724-1804) e Hegel (1770-1831) achavam que o exercício da razão é a maneira pela qual as pessoas agem livremente, contrastando a ação racional com a ação determinada por paixões incontroladas.

Anderly *et al.* (2014) aborda o tema razão por um outro olhar, para o grupo de pesquisadores, a razão não é apenas biologicamente determinada, mas se dá principalmente pela incorporação das experiências e conhecimentos produzidos e transmitidos de geração a geração. A transmissão dessas experiências e conhecimentos – por meio da educação e da cultura - permite que a nova geração não volte ao ponto de partida da que a precedeu.

A atuação do homem diferencia-se da do animal porque, ao alterar a natureza por meio da sua ação, ele a torna humanizada; em outras palavras, a natureza adquire a marca da atividade humana. Ao mesmo tempo, o homem altera a si próprio por intermédio dessa interação; ele vai se construindo, vai se diferenciando cada vez mais dos outros animais. A interação homem-natureza é um processo permanente de mútua transformação: é esse o processo de produção da existência humana.

Hume (1711-1776) limita severamente o âmbito da racionalidade, deixando-a caracterizar o raciocínio matemático e lógico, mas não permitindo que ela esteja subjacente aos processos empíricos normais de formação de crenças, nem lhe concedendo um papel importante no raciocínio prático, nem na deliberação ética e estética.

A conhecida afirmação de Hume (2009) em seu Tratado da Natureza Humana, de que "razão é e só pode ser escrava das paixões e não pode aspirar a nenhuma outra função exceto servi-las e obedecê-las! O reverso deliberado da imagem platônica da razão (o cocheiro) que domina as muito desregradas paixões (os cavalos). Em um a outra citação ainda no Tratado, Hume define razão como um maravilhoso instinto e ininteligível em nossas almas, que nos arrebata em uma certa sequência de ideias e as dota de qualidades particulares, conforme suas situações e relações particulares.

2.2 Teoria da Racionalidade – A racionalidade na tomada de decisão

Razão do latim ratione, razão, juízo, raciocínio. *(SILVA, D. D., 2014).*

O tratamento clássico da tomada de decisão, conhecida como "teoria racional da escolha" ou o "Modelo econômico padrão", postula que as pessoas têm preferências ordenadas que obedecem a alguns axiomas simples e intuitivos. (VON NEUMANN & MORGENSTERN, 1944)

Quando confrontados com um problema de escolha, assume-se que os tomadores de decisão medem a "utilidade subjetiva" de cada alternativa e escolhem a alternativa com a utilidade mais alta. Diante da incerteza sobre a obtenção dos resultados, acredita-se que os tomadores de decisão calculem a utilidade subjetiva esperada de uma opção, que é a soma de suas utilidades subjetivas sobre todos os possíveis resultados ponderados pelas probabilidades estimadas de ocorrência desses resultados. Decidir então é simplesmente uma questão de escolher a opção com a maior utilidade esperada; de fato, acredita-se que a escolha revele as funções de utilidade subjetiva de uma pessoa e, portanto, suas preferências subjacentes (SAVAGE, 1954; SIMON, 1990; VON NEUMANN & MORGENSTERN, 1944).

Esse modelo tradicional, é baseado em um conjunto de premissas que determinam através de um modelo prescritivo, como uma decisão deve ser tomada, que etapas e aspectos devem ser observados de forma a conduzir o tomador de decisão a um resultado ideal, dada uma avaliação precisa dos valores e preferências de risco.

Uma questão importante, é que essas premissas foram elaboradas levando em conta um modelo de tomador de decisão, em que se põe no lugar do *Homo Sapiens* uma criatura de ficção chamada *Homo Economicus* a qual foi chamada abreviadamente de "Econ".

A premissa essencial da teoria econômica é que as pessoas escolhem para otimizar. De todos os bens e serviços que uma família poderia comprar, a família escolhe os melhores que pode se permitir. Além disso, supõe se que as crenças na base das quais os econs fazem escolhas não são enviesadas. Isto é, escolhemos na base do que os economistas chamam de "expectativas racionais". (THALER & GANSER, 2015).

2.3 Racionalidade Limitada

O homem concreto, o indivíduo, não é simplesmente racional. Certamente não é privado de razão, mas a possui em um grau mais ou menos elevado;

> ***talvez jamais chegue à posse total da razão inteira; não é menos certo que pode ser desprovido de razão, que se encontram animais que tudo têm do homem no sentido das definições científicas, mesmo a linguagem, e que não possuem o essencial no sentido do filósofo: loucos, cretinos, homines minime sapiens.*** (WEIL, 2012)

Não vivemos em um mundo de econs, vivemos em um mundo habitado por seres humanos. Visto que a maior parte dos economistas também são humanos, também eles sabem que a maior parte dos economistas também são humanos, também eles sabem que não vivem em um mundo de econs. Adam Smith, o pai do pensamento econômico moderno, reconheceu-o explicitamente. Antes de escrever o seu *Magnum opus*, A Riqueza das Nações, escreveu outro livro dedicado ao tópico das "paixões" humanas, uma palavra que não aparece em qualquer manual de economia. Os econs não tem paixões; são otimizadores e frios. (THALER e GANSER (2015).

No mundo dos econs, não há espaço para medo, angústia, dúvida. Os econs não mudam de ideia ou cometem erros, e se os comete, são breves e facilmente se é retornado à solução ideal.

> ***Mas será que as pessoas tomam decisões de maneira racional o tempo todo? As vezes sim, mas não o tempo todo.*** *(BAZERMAN, 2015)*

Simon introduz, o conceito de "*satisfying*" em contraposição a tomada de decisão ideal e embora, a estrutura de racionalidade limitada de Simon veja os indivíduos como tentando tomar decisões racionais, ela reconhece que eles normalmente não têm informações importantes que ajudariam a definir o problema, os critérios relevantes, e capacidade cognitiva o suficiente para identificar, analisar, classificar todas as possibilidades

Para Simon (1956) os que tomam decisões, retêm apenas uma quantidade pequena de informações em sua memória utilizável. Além disso, restrições de tempo e custo limitam a quantidade e a qualidade da informação. (BAZERMAN, 2015).

O modelo racional, tradicional de tomada de decisão, é baseado em um conjunto de premissas e axiomas da economia que determinam como uma decisão deve ser tomada, um modelo prescritivo, em vez de descrever como uma decisão é efetivamente tomada.

Fazendo um contraponto com a teoria racional da escolha, o economista Herbert Simon introduz o conceito de Racionalidade limitada em meados da década de 1950, em plena era positivista. Simon observa e traz para discussão, o fato de que as habilidades cognitivas humanas não são infinitas e diz que possuímos habilidades computacionais, matemáticas limitadas e sérios lapsos de memória.

Segundo o economista as pessoas podem responder com sensibilidade a essas falhas; assim, pode-se dizer que às vezes as pessoas respondem racionalmente às suas próprias limitações cognitivas, minimizando a soma dos custos de decisão e de erros. JOLLS, SUNSTEIN & THALER, 1998).

No seu trabalho vencedor do prêmio Nobel, March e Simon (1958) e Simon (1957), sugeriram que o julgamento individual fica limitado pela sua racionalidade e que poderíamos entender melhor o processo decisório descrevendo e explicando decisões reais em vez de focalizar apenas a análise decisória prescritiva ("o que seria feito racionalmente"). (BAZERMAN, 2015).

2.4 Racionalidade Dual

Quando se fala em racionalidade dual, o que se está abordando é o que se chamam comumente nas ciências comportamentais aplicadas de Sistema 1 e Sistema 2. Os termos são amplamente utilizados na psicologia, para Kahneman (2011), o Sistema 1 origina sem esforço as impressões e sensações que são as principais fontes de crenças explícitas e escolhas deliberadas do Sistema 2. As operações automáticas do Sistema 1 geram padrões de ideias surpreendentemente complexos, mas apenas o Sistema 2, mais lento, pode construir pensamentos em séries ordenadas de passos. Como vimos, passos necessários para a tomada de decisão racional.

Apesar da popularidade dos processos duplos do raciocínio humano, também chamado de "racionalidade dual" na tomada de decisões passaram por intenso escrutínio nos últimos anos. Cientistas e filósofos cognitivos passaram a questionar os fundamentos teóricos da teoria da racionalidade dual e desafiaram a validade e a relevância das evidências associadas á ela.

A Teoria da racionalidade dual também chamada de teoria do processo duplo (DPT) sugere que diferentes aspectos da cognição humana, como raciocínio, julgamento e tomada de decisão, podem ser classificados de duas maneiras diferentes, o "sistema 2", (devagar) e o "sistema 1" (rápido).

Os processos mentais "superiores" são descritos como lentos, controlados, reflexivos, seriais, baseados em regras, esforçados e conscientes e estão associados a tarefas cognitivas que consomem muita energia, como raciocínio dedutivo e pensamento hipotético. Essa categoria de processamento mental é geralmente chamada de "Sistema 2" ou "Tipo 2". Por outro lado, os processos mentais "inferiores" são descritos como rápidos, reativos, automáticos, intuitivos, heurísticos, associativos e inconscientes (ou pré-conscientes) e estão associados a operações perceptivas e afetivas, como sugestões atencionais e preparação de respostas motoras. Essa categoria de processamento mental é geralmente chamada de processamento "Sistema 1" ou "Tipo 1". (GRAYOT, 2020).

3. Metodologia

A metodologia eleita para a elaboração desse trabalho, foi a de ensaio teórico, ela não segue os modelos positivistas tradicionais em função da subjetividade do assunto tratado. A metodologia adotada é orientada pela intuição dos autores em relação ao tema da pesquisa, utilizando assim referenciais teóricos como ponto de partida para a formulação de novas teorias e análises que respondam à problematização da pesquisa (HARROD, 1939).
O ensaio teórico se estabelece como uma pesquisa que instiga as reflexões científicas sobre investigações nas áreas das ciências sociais (MENEGHETTI, 2011).

De acordo com Bertero (2011), a metodologia de ensaio teórico fornece contribuições intuitivas para esboçar novos paradigmas de pesquisa. Estre trabalho busca evidenciar a dualidade da racionalidade na tomada de decisão, em um cenário de tantas inseguranças e incertezas causadas pelo novo coronavírus.

4. Discussão

4.1 Um panorama

Em 28 de junho de 2020, mundo ultrapassou a marca de 10 milhões de pessoas infectadas pelo coronavírus doença respiratória que já matou mais de meio milhão de pessoas em sete meses. Segundo dados mantidos pela agência Reuters, pelo site *Worldmeters* e pela universidade Johns

Hopkins. Considerando-se que muitos países, incluindo o Brasil, testam só uma pequena parte da população para verificar se foram contaminadas, o total real de pessoas atingidas pela pandemia é certamente muito maior que esse.

O número representa cerca do dobro de casos de doenças por influenza severa registrados anualmente, de acordo com a Organização Mundial de Saúde. A marca acontece quando muitos países duramente afetados estão afrouxando as restrições ao mesmo tempo em que fazem fortes alterações em relação a trabalho e vida social que podem durar ao menos um ano até que uma vacina esteja disponível. (CADELL, 2020).

Nesse cenário, a posição do Brasil é preocupante. O país ultrapassou a marca de 500 mil casos de coronavírus e registrou 480 novas mortes, de acordo com os dados informados pelo Ministério da Saúde. Foram reportados 16.409 novos casos em 24 horas, levando o total de infecções no país a 514.849. O Brasil é o segundo país com maior número de casos de coronavírus, atrás apenas dos Estados Unidos com mais de 1,7 milhão de infecções. (REUTERS, 2020).

São necessárias medidas extensivas para reduzir a transmissão de COVID-19 de pessoa para pessoa para controlar o surto atual. Atenção e esforços especiais para proteger ou reduzir a transmissão devem ser aplicados em populações suscetíveis, incluindo crianças, profissionais de saúde e idosos. Foi publicada uma diretriz para a equipe médica, profissionais de saúde e indivíduos e pesquisadores de saúde pública interessados no 2019-nCoV. (ROTHAN & BYRAREDDY, 2020).

Mas o que vimos, foi que o governo federal e muitos governos estaduais responderam à pandemia do COVID-19 de várias maneiras contraditórias, inicialmente, o presidente da República fez muitas declarações sugerindo que o vírus COVID-19 estava sob controle, e que não era motivo para preocupação. "O fato de as mensagens públicas iniciais sobre a pandemia de COVID-19 serem relativamente leves e sugeriu que o pânico estava sob controle". (Baker *et al...*, 2020). O trecho se adequa bem a realidade brasileira, mas foi retirado de artigo retratando a realidade norte americana.

Por outro lado, enquanto assistimos outros governos ao redor do mundo focar em buscar uma solução para conter a propagação do coronavírus, no Brasil vem sendo estimulado o afrouxamento das medidas de distanciamento social, com a abertura de comércio e serviços não essenciais. Xu & Li (2020). Sugerem que um relaxamento prematuro das políticas de isolamento social culminaria em um crescimento rápido de mortes pelo coronavírus — e desperdiçaria parte do esforço conjunto de antes. "Uma decisão precoce pode acelerar a transmissão e gerar uma segunda onda de infecções.

4.2. A Racionalidade (ou a falta de racionalidade) na mídia

Na mídia diversas matérias evidenciam a falta de clareza do indivíduo sobre qual deveria ser o comportamento mais prudente, qual o comportamento esperado. São exemplos que vão desde resoluções do poder público a iniciativas individuais, a ideia aqui, é clarificar o assunto, mas não temos a pretensão de esgotar os temas levantados. Neste tópico buscamos manchetes abordando o comportamento do indivíduo relacionado ao afrouxamento das normas de isolamento social e cuidados básicos para evitar a proliferação da doença.

“No pico da pandemia, Pernambuco ensaia afrouxar isolamento”, a matéria foi publicada como manchete em um dos principais jornais pernambucanos. (SOBREIRA, 2020).
Em São Paulo, cidade considerada epicentro da pandemia no Brasil, outra manchete evidencia o uso do sistema um, emotivo, impulsivo observado no comportamento do consumidor, que mesmo ciente da importância do isolamento social como medida preventiva a fim de mitigar a propagação do novo coronavírus sai de casa, se expondo a riscos muitas vezes desnecessários: “Paulistanos fazem fila para matar saudade de shopping” (BOLZANI, 2020).

Com a liberação da abertura de bares e restaurantes no Rio de Janeiro segunda cidade com o maior número de óbitos no país, só ficando atrás de São Paulo, além das aglomerações, muitos dos clientes não respeitaram o distanciamento mínimo recomendado pela Organização Mundial da Saúde, assim como ignoraram a determinação do uso das máscaras de proteção e ainda agridem funcionários da prefeitura destacados para fiscalizar os estabelecimentos: “ Mulher agride fiscal que tentava reprimir aglomerações em bares” (LÁZARO, 2020). Esse tipo de comportamento emocional, rápido, irrefletido se distancia bastante do que é considerado por Kahneman e Tversky (2011) como pensamento lógico, racional, ou sistema 2.

Existem ainda casos onde as pessoas se negam a usar a máscara de proteção facial ou, utilizam o equipamento de proteção individual (EPI), mas de forma inadequada. orientação correta existe e está disponível, mas junto com a informação adequada, vem sendo propagado na mídia várias notícias falaciosas, ou *Fake News*, que trazendo informações contraditórias minimiza o impacto da boa recomendação, muitas vezes deixando em dúvida o indivíduo frente ao novo.

Em uma das muitas matérias divulgadas, o veículo de comunicação orienta: “O Ministério da Saúde passou a recomendar, no início de abril, o uso de máscaras para diminuir o risco de contaminação pelo novo coronavírus (Sars-CoV-2). Podem ser as de tecido, costuradas em casa, ou as descartáveis. Já as cirúrgicas, em falta nos hospitais, devem ficar restritas a médicos e profissionais de enfermagem. É importante que todos usem a máscara da forma correta: **cobrindo completamente o nariz e a boca, sem vãos laterais.** Segundo infectologistas ouvidos pelo G1, manusear ou descartar o equipamento da forma errada pode aumentar o risco de contaminação”. (TENENTE, 2020). Os grifos são do veículo de comunicação.

Vale ressaltar, que o comportamento da população de uma maneira geral, para agir em conformidade, estará muito relacionado com o papel das autoridades, como diz Conti (2020), autoridades precisam estar cientes que muito da disposição da população a cooperar dependerá de como seus líderes se comportam.

O uso inadequado, dos EPIs não se trata de um caso isolado e nesse contexto afrouxar o isolamento social é colocar toda uma sociedade em risco. A falta de conscientização da necessidade do uso, assim como do uso adequado dos EPIs evidenciam o quão é precipitado o afrouxamento das medidas de isolamento social e isso fica claro, quando nem as autoridades nem a população entendem a responsabilidade por usar os EPIs, e usá-los de maneira correta, segura.

Outro exemplo noticiado na mídia ilustra que ainda não faz parte da rotina de cuidados da população a necessidade da mudança de comportamento: “Homem se recusa a utilizar máscara em farmácia e vídeo viraliza” (Lima, D. 2020), fato como esse, além de consequências graves

para a saúde coletiva, tem delicadas implicações para a economia no país e repercussão no exterior. Medidas desencontradas, a falta de foco na crise sanitária abala a imagem do país perante o mundo.

"Postura frente à pandemia piora imagem do Brasil no exterior e afasta investidores" (BULLA *et al.*, 2020). Para o investidor estrangeiro, a ausência de racionalidade na tomada de decisões no enfrentamento da pandemia, informações desencontradas, a falta de uma conformidade e uma linha clara de como lidar com situações críticas provocadas pelo vírus, colocam o país em uma posição de fragilidade, deixando o cenário para investimentos muito volátil e para alguns, pouco atrativo.

Em 01 de julho de 2020, em uma reunião dos países signatários do acordo de *Schengen* a Europa decidiu iniciar o processo de reabertura de suas fronteiras. A decisão partiu de um processo estruturado em etapas, elaborado a várias mãos, mas onde a disposição e a autoridade do grupo foi respeitada.

A decisão final, foi divulgada em uníssono. O que foi determinado pelas autoridades dos países signatários do acordo de *Schengen*, foi acatado e adotado sem restrições pelos países signatários, assim, todos os membros respeitam o acertado, agindo em conformidade ao que foi determinado pelo grupo.

Em se tratando de países diferentes, provavelmente a decisão da reabertura das fronteiras impactará as sociedades de maneira díspar, mesmo assim, a ordem determinada pelo grupo foi aceita. Agir em conformidade, nem sempre significa concordar com o determinado, em muitas ocasiões, se trata de mudar o seu comportamento ou crença como resultado de pressão do grupo, e isso não é um sinal de fraqueza e sim de tolerância, autocontrole e maturidade. (Myers, 2014 p.162), (Markus & Kitayana, 1994).

Ao todo 15 países estão na lista dos países autorizados, mas os brasileiros de uma maneira geral por precaução, independentemente se seguiram as medidas recomendadas pela Organização Mundial de Saúde ou não, foram proibidos de entrar na Europa, a menos que sejam viagens essenciais e com inúmeras restrições. "Com pandemia descontrolada, brasileiros não poderão entrar na Europa" (Revista Veja, 2020). A restrição a entrada dos brasileiros, é mais uma resposta ao tratamento que as autoridades nacionais têm dado ao tema.

Não existe uma diretriz clara no país no que diz respeito ao tratamento em relação a pandemia, tampouco as medidas de isolamento social, assim como de afrouxamento da quarentena. Por falta de uma diretriz clara, gestores estaduais e municipais administram o tema da maneira que lhes parece mais adequada diante do cenário, com pressa, sob pressão e evidenciando a utilização do "sistema um" de pensar, rápido, emocional, impulsivo, pouco logico e racional.

A questão deste artigo, não está em priorizar saúde, ou economia, mas de evidenciar que a sociedade ainda não se encontra pronta para uma nova realidade que se impõe: um cenário em que os números de contaminação e mortes ainda se mostram em ascensão o que evidencia a racionalidade limitada na tomada de decisão.

É inegável o impacto do surto de coronavírus no comportamento do consumidor do varejo, e na economia de uma forma geral, mas inegável também que o impacto é diferente nos diferentes formatos de varejo. Se por um lado, os varejistas que dependem de visitas de clientes (como

shoppings tradicionais e as lojas de departamento) sofreram consideravelmente, por outro lado, lojas de bairro, reforçando o conceito de proximidade, e lojas online estão aumentando seu volume de negócios e atraindo novos clientes. (KPMG, 2020).

É importante observar que o comércio abriu, mas não necessariamente significando sucesso e recordes de vendas, pelo contrário, muitos dos empresários sofrem prejuízos pois precisaram comprar novos estoques, em muitos casos modificar as estruturas físicas de seus pontos de venda, renegociar aluguéis, recontratar funcionários e contam ainda com um movimento tímido nas vendas que não cobriria todas as despesas de se manter o estabelecimento aberto.

Informações contraditórias deixam a população perdida em relação a que postura ter frente a medida de isolamento social, muitos consumidores foram a rua somente para passear. Em São Paulo por exemplo, no mesmo dia que foi decido que não haverá comemoração do *Réveillon* na Avenida Paulista para evitar aglomeração, é protocolado uma medida quer permite o retorno do comércio ambulante às ruas. (GUIMARÂES, 2020).

Na mesma data, 17 de julho de 2020, o consórcio de imprensa noticia que O Brasil tem 76.997 mortes por coronavírus confirmadas a partir de dados das secretarias estaduais de Saúde, e ainda diz, com isso, a média móvel de novas mortes no Brasil nos últimos 7 dias foi de 1.081 óbitos, um crescimento de 6% em relação aos dados registrados em 14 dias. É a maior média móvel da pandemia pelo 4º dia seguido. (G1, 2020).

O que fica claro, é que o que temos vai além da discussão se é uma crise sanitária ou econômica, entra um terceiro e importante fator, o comportamental. Para Conti, T. (2020), trata-se de uma crise tripla: uma crise sanitária, econômica e comportamental, as três causadas pela pandemia do vírus SARS-CoV-2. Na visão do autor, a crise comportamental consiste na exigência de rápida mudança de hábitos sociais.

Os hábitos que precisam ser mudados podem ir desde ações pequenas como hábitos da higiene (lavar as mãos, formas de cumprimento), padrões maiores como tamanho de eventos possíveis de serem realizados (festas, encontros sociais), até setores econômicos específicos que passam por uma situação extremamente delicada (hotelaria, turismo, casas noturnas).

Ele cita também o impacto no comportamento dos governantes, que são pressionados pela população por agilidade nas soluções, transparência, comunicação verdadeira, decisões baseadas em evidências, corte de privilégios e de outros gastos supérfluos e redirecionamento de recursos.

Não se pode deixar de lado, que em todo esse processo estamos lidando com pessoas, e pessoas com traços de personalidade, cultura, sonhos, desejos, medos absolutamente diferentes umas das outras. Além disso, o comportamento esperado dos econs, que representam um modelo do homem e como ele deveria agir, difere do home real. Este, na maioria das vezes tomam decisões com base em informações incompletas, o que o impedem de alcançar disposições otimizadas, racionais ou mesmo lógicas pois as emoções e sentimentos diversos influem de maneira significativa no processo de tomada de decisão. (CHAVAGLIA NETO *et al.*., 2017).

Não há dúvida de que se trata de um tema bastante delicado e não é fácil lidar com mortes, desemprego, doenças, falências, mudanças de hábitos e de rotinas repentinas ainda mais quando todos os assuntos estão à tona e a respostas são exigidas com pressa, sob enorme pressão e

inundados de emoções. Segundo Kahneman, D. (2011), possuímos um orçamento limitado de atenção para alocar às suas atividades e, se tenta ir além desse orçamento, fracassa. Uma característica das atividades que exigem esforço é que elas interferem umas nas outras, motivo pelo qual é difícil ou impossível conduzir várias delas ao mesmo tempo.

5. Considerações Finais

Mesmo cientes da urgência da população por soluções em relação ao caos provocado na vida de inúmeras pessoas pela pandemia do novo coronavírus, fica claro que um assunto tão relevante quanto a tomada de decisão sobre próximas medidas a serem adotadas com relação ao afrouxamento do isolamento social no Brasil, em função da pressa e da pressão, não está obedecendo as etapas do processo de tomada de decisão racional.

Muitas perguntas ainda não possuem respostas definitivas quando o assunto é COVID-19, outras tantas mudam muitas vezes, mais de uma vez ao dia, o que é normal quando se trata de estudos contemporâneos; o dinamismo dos fatos e em muitas circunstâncias a falta de um consenso entre as autoridades, consome o raciocínio necessário para a tomada de decisão racional, e o indivíduo age de acordo cos suas crenças e valores, na forma rápida de pensar, utilizando o Sistema 1. Ainda que isso signifique colocar vidas em risco.

Corroborando com Kahneman (2011), o Sistema 1 funciona automaticamente e o Sistema 2 está normalmente em um modo de pouco esforço, em que apensa uma fração da sua capacidade está envolvida. O Sistema 1 gera continuamente sugestões para o Sistema 2: impressões, intuições, intenções e sentimentos. Se endossadas pelo Sistema 2, impressões e intuições se tornam crenças, e impulsos se tornam ações voluntárias. Quando tudo funciona suavemente (o que não é absolutamente no nosso caso em específico relacionado a pandemia), o que acontece na maior parte do tempo, o Sistema 2 adota as sugestões do Sistema 1 com pouca ou nenhuma modificação. O sujeito acredita em suas impressões e age segundo suas crenças e seus desejos.

O intuito principal deste ensaio foi apontar teorias sobre a racionalidade que podem exercer impacto na tomada de decisão neste cenário específico de crise, provocada pelo coronavírus abrindo caminho para análises posteriores de cunho qualitativo ou quantitativo. Como contribuição este artigo visa gerar insumos para uma gestão de políticas públicas mais eficientes no combate a pandemia.

No artigo foi trazido a teoria da racionalidade prescritiva, que mostra como as pessoas deveriam agir, e evidências, relacionadas a teoria da racionalidade dual que é descritiva e ilustra de fato como as pessoas agem. Trazer essa abordagem para o tema é trazer novas possibilidades de ferramentas teóricas para a tomada de decisão individual e em políticas públicas. Como última contribuição enquadrar o fenômeno no campo de estudo da economia e psicologia.

5.1 Limitações e Sugestões para estudos futuros

Por se tratar de uma problemática absolutamente recente o tema tratado ainda possui pouca literatura sedimentada na literatura de ciências médicas, econômicas e sociais, limitando muitas vezes fontes para aprofundamento da pesquisa.

Um outro desafio vivenciado durante a elaboração desse artigo e que entendemos como uma como limitação foi o dinamismo do tema COVID-19, por ser uma questão que tem devastado comunidades e economia mundiais, possui diversas questões sendo estudadas simultaneamente em diversas regiões do planeta, por estudiosos das mais variadas áreas de conhecimento. Assim,

a todo instante surgiam novos números, estratégias e novas pesquisas e foi preciso ter muito foco para não mudar os objetivos do trabalho a cada assunto novo que surgia.

Este trabalho considera apenas um conteúdo teórico, vale a pena uma pesquisa mais aprofundada, qualitativa, quantitativa ou mesmo mista para tratar observar a racionalidade das decisões estratégicas do tema que certamente impactará toda uma geração, a vida, a saúde e a economia de muitas pessoas por um tempo que ainda não foi determinado.

Adicionalmente, para futuras pesquisas também se sugere o aprofundamento na descrição da tomada de decisão verificando se as diferenças de atitude e comportamento frente a pandemia podem conduzir a um cenário de xenofobia, uma vez que muitas das decisões tomadas podem afetar a saúde e economia a de toda uma sociedade.

O impacto da pandemia do novo coronavírus suscinta uma variedade de possibilidades de pesquisas, entre eles, estudar a influência e impactos da autoridade, obediência e conformidade durante o confinamento e o afrouxamento social em um estudo entre países, com intuito de identificar o porquê de comportamentos tão diferentes.

Uma outra possibilidade é quantificar os impactos econômicos gerados para a sociedade pela tomada de decisão no Sistema 1, durante a pandemia de COVID-19.

Outra sugestão de pesquisa, é verificar a legitimidade da autoridade, no processo de confinamento individual para mitigação do contágio da covid-19.

O impacto da pandemia, e a vontade de mitigar o sofrimento das pessoas inspira uma quantidade infinita de estudos, com objetivo de contribuir para o aumento do bem estar da sociedade atual e de próximas gerações. Estudos sérios serão muito bem vindos, para que não se percam mais vidas e honrar as vidas perdidas por falta de conhecimento.

Referências Bibliográficas

Anderly, M. A. (1988). Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica. Espaço e Tempo.

Baker, S. R., Farrokhnia, R. A., Meyer, S., Pagel, M., & Yannelis, C. (2020). How does household spending respond to an epidemic? consumption during the 2020 covid-19 pandemic (No. w26949). National Bureau of Economic Research.

Bazerman, M. (2015). Processo decisório: para cursos de administração e economia (Vol. 8). Elsevier Brasil.

Blackburn, S. (1997). Dicionário Oxford de filosofia. Jorge Zahar Editor.

Bolzani, I. (2020, 11 de junho). Paulistanos fazem fila para matar saudades do shopping. Folha de São Paulo recuperado em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/06/paulistanos-fazem-fila-para-matar-saudade-de-shopping.shtml

Bulla, B. *et al...* (2020, 25 de maio). Postura frente a pandemia piora a imagem do país e afasta investidores. O Estado de São Paulo. Recuperado em:

https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,postura-frente-a-pandemia-piora-imagem-do-brasil-no-exterior-e-afasta-investidores,70003313312

Cadell, C. (2020, 28 de junho). Casos Globais de Coronavírus superam 10 milhões. Reuters Pequim. Recuperado em: https://br.reuters.com/article/topNews/idBRKBN23Z0J8-OBRTP

Camerer, C. (1998). Bounded rationality in individual decision making. Experimental Economics 1, 163-183 https://doi.org/10.1023/A:1009944326196

Camerer, C. (2020). [Introduction]. In A. Samson (Ed.), The Behavioral Economics Guide 2020 (with an Introduction by Colin Camerer) (pp. VI). Retrieved from https://www.behavioraleconomics.com.

Chavaglia Neto, J., António Filipe, J., & Ferreira, A. M. (2017). Neuroeconomia: Uma nova perspectiva sobre o processo de tomada de decisões econômicas. Alta Books Editora.

Chater, N., Felin, T., Funder, D. C., Gigerenzer, G., Koenderink, J. J., Krueger, J. I., ... & Stanovich, K. E. (2018). Mind, rationality, and cognition: An interdisciplinary debate. Psychonomic Bulletin & Review, 25(2), 793-826.

Conlisk, J. (1996). Why Bounded Rationality? Journal of Economic Literature, 34(2), 669-700. Retrieved June 23, 2020, from www.jstor.org/stable/2729218

Conti, T. V. (2020). Crise Tripla do Covid-19: um olhar econômico sobre políticas públicas de combate à pandemia. Recuperado em: http://thomasvconti.com.br/wp-content/uploads/2020/04/Conti-Thomas-V.-2020-04-06.-Crise-Tripla-do-Covid-19-olhar-econ%C3%B4mico-sobre-as-pol%C3%ADticas-p%C3%BAblicas-de-combate-%C3%A0-pandemia.-Texto-para-discuss%C3%A3o.-Vers%C3%A3o-1.1.pdf

Da Cunha, A. G. (2019). Dicionário etimológico da língua portuguesa. Lexikon Editora.

G1 (2020, 17 de julho). Casos e mortes por coronavírus no Brasil em 17 de julho, segundo consórcio de veículos de imprensa (atualização das 13h). Recuperado em: https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/17/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-17-de-julho-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml

Gauch Jr, H. G., Gauch, H. G., & Gauch Jr, H. G. (2003). Scientific method in practice. Cambridge University Press.

Guimarães, M., (2020, 17 de julho). São Paulo: ambulantes poderão voltar a trabalhar na próxima semana, prefeito Bruno Covas informou também que o Réveillon da Avenida Paulista não acontecerá em 2020. Recuperado em: https://economia.ig.com.br/2020-07-17/sao-paulo-ambulantes-poderao-voltar-a-trabalhar-na-proxima-semana.html?utm_source=pushnews&utm_medium=pushnotification

Grayot, JD (2020). Dual Process Theories in Behavioral Economics and Neuroeconomics: Critical Review. Rev.Phil.Psych. 11, 105–136 https://doi.org/10.1007/s13164-019-00446-9

Hume, D. (2009). Tratado da natureza humana-2a Edição. Unesp.

Jolls, C., Sunstein, C., & Thaler, R. (1998). A Behavioral Approach to Law and Economics. Stanford Law Review, 50(5), 1471-1550. doi:10.2307/1229304

Kahneman, D. (2003). A perspective on judgment and choice: mapping bounded rationality. American psychologist, 58(9), 697.

KPMG (2020). Respondendo a crises e às mudanças nos hábitos de consumo. Recuperado em: https://assets.kpmg/content/dam/kpmg/br/pdf/2020/04/respondendo-a-crises-e-mudan%C3%A7as-nos-habitos-de-consumo.pdf

Lazaro, N. (2020, 07 de julho). Mulher agride fiscal que tentava reprimir aglomerações em bares. Metrópoles. Recuperado em:https://www.metropoles.com/brasil/video-mulher-agride-fiscal-que-tentava-reprimir-aglomeracoes-em-bares

Markus, HR, and Kitayama, S. (1994). The cultural construction of self and emotion: implications for social behavior. In S. Kitayama and HR Markus (Eds.), Emotion and culture: empirical studies of mutual influence (p. 89-130). American Psychological Association. https://doi.org/10.1037/10152-003

Myers, D. G. (2014). Psicologia Social-10. AMGH Editora.

Neumann, J. V., & Morgenstern, O. (2004). Theory of games and economic behavior. Princeton Univ. Press.

Nietzsche, F., & de Souza, P. C. (2017). A gaia ciência. Editora Companhia das Letras.

Redação Veja. (2020, 11 de junho)Com pandemia descontrolada brasileiros não poderão entrar na Europa. Recuperado em: https://veja.abril.com.br/mundo/com-pandemia-descontrolada-brasileiros-nao-poderao-entrar-na-europa/

Reuters. (2020, 31 de maio) Brasil passa marca de 500 mil casos de Covid-19 e tem 480 novas mortes, Recuperado em: https://br.reuters.com/article/idBRKBN2370TT-OBRTP Rothan, H. A., & Byrareddy, S. N. (2020). The epidemiology and pathogenesis of coronavirus disease (COVID-19) outbreak. Journal of autoimmunity.

Sartre, J. P., & Valmar, J. (1993). El ser y la nada. Barcelona: Altaya.

Simon, H. A. (1955). A behavioral model of rational choice. The quarterly journal of economics, 69(1), 99-118.

Simon, H. A. (1990). Bounded rationality. In Utility and probability (pp. 15-18). Palgrave Macmillan, London.

Silva, D. D. (2014). De onde vêm as palavras: origens e curiosidades da língua portuguesa. Editora Unisul

Sobreira, V (2020, 02 junho). No pico da pandemia, Pernambuco ensaia afrouxar isolamento. Brasil de Fato. Recuperado em https://www.brasildefatope.com.br/2020/06/02/no-pico-da-pandemia-pernambuco-ensaia-afrouxar-isolamento-veja-as-etapas

Tenente, L (2020, 23 de abril). Os erros mais comuns no uso das máscaras para se proteger do coronavírus e como usar corretamente. Recuperado em: https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/23/os-erros-mais-comuns-no-uso-de-mascaras-para-se-proteger-do-coronavirus-e-como-usar-corretamente.ghtml

Thaler, R. H., & Ganser, L. J. (2015). Misbehaving: The making of behavioral economics. New York: WW Norton.

Van Bavel, J. J., Baicker, K., Boggio, P. S., Capraro, V., Cichocka, A., Cikara, M., & Drury, J. (2020). Using social and behavioural science to support COVID-19 pandemic response. Nature Human Behaviour, 1-12.

Weil, E. (2012). Lógica da filosofia. Realizações editora.

Xu, S., & Li, Y. (2020). Beware of the second wave of COVID-19. The Lancet, 395(10233), 1321-1322.

Zhou, F., Yu, T., Du, R., Fan, G., Liu, Y., Liu, Z., ... & Guan, L. (2020). Clinical course and risk factors for mortality of adult inpatients with COVID-19 in Wuhan, China: a retrospective cohort study. The Lancet.

Notas

[i] Simon, H. A. (1955). A behavioral model of rational choice. *The quarterly journal of economics*, *69*(1), 99-118.